

## **A UTILIZAÇÃO DAS REDES PARA A PROMOÇÃO DO JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO**

Fabíola Moura Reis Santos

*Universidade do Estado da Bahia/Universidade Federal do Vale do São Francisco [fabiolamsantos@hotmail.com](mailto:fabiolamsantos@hotmail.com)*

**Resumo:** O Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro é uma proposta de construção de um novo senso comum no campo da comunicação que aponta uma abordagem desses territórios sem distorções e baseada na contemporaneidade. Essa proposta foi construída a partir da experiência prática com estudantes de jornalismo na produção de conteúdo em duas *webtvs* educativas; nas pesquisas realizadas pela Educação Contextualizada com o Semiárido; e no trabalho das entidades governamentais e não-governamentais que se dedicam a promover esses territórios Semiáridos. Mas como qualquer nova proposta de senso comum, o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro ainda é uma iniciativa localizada, que precisa ser multiplicada e expandida para os profissionais de comunicação e para a mídia em geral, comercial e não comercial. Partindo desse pressuposto, uma possibilidade é a utilização das redes, sejam elas sociais, comunicacionais ou educativas, formadas por emissoras de TVs educativas, pública e até uma Estatal, que veiculam conteúdos produzidos para divulgar as viabilidades do Semiárido. Esse trabalho pretende mostrar como as redes têm sido acessadas para promover uma nova abordagem do Semiárido, pautada na informação precisa, na ética e na multiplicidade de vozes, na tentativa de mostrar um cenário situado na busca pela verdade e mais próximo da realidade.

**Palavras-Chave:** Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro; Telejornalismo Educativo; Redes e Territórios; Semiárido Brasileiro; Audiovisual.

### **Introdução**

Os meios de comunicação pautam o que eles entendem que nós devemos saber, ler, ouvir e consequentemente, reproduzir como receptores da mensagem que eles transmitem. Essa mediação, em sua maioria, é unilateral, universal e estereotipada. É o caso da “limitação” da imagem do Nordeste às suas condições climáticas e à seca. O Nordeste que é pautado é uma região sem perspectiva, sem potencialidades, onde predomina a fome, a sede e a morte.

Em 2013, o Profissão Repórter, programa da Rede Globo, esteve no Vale do São Francisco para pautar o *slogan* que a mídia criou em 2013 sobre o Nordeste: “a maior seca dos últimos 40 anos”. Durante todo o programa, foi enfatizado pessoas sem água, em condições sub-humanas, o chão rachado, casas de taipa e gado morto, acompanhados de uma trilha sonora melancólica e trechos de conversas que marcam a “dor”, “o sofrimento” e a vitimização do nordestino. Essa foi a imagem veiculada durante 90% do programa. O outro lado, a convivência com o Semiárido, limitou-se a minutos e se resumiu a cooperativa de produtores de umbu de Uauá, no sertão baiano. Como se eles fossem os únicos que conseguem sobreviver dignamente no Nordeste.

Essa é a imagem que é propagada fora e dentro da região. E as TV's locais (TV São Francisco e TV Grande Rio) que deveriam pautar o Semiárido de forma diferente, acabam, muitas vezes, fortalecendo os estereótipos, veiculando algumas reportagens que ratificam a região como um território único e atrasado. Até as matérias que entram em rede, aquelas que são produzidas localmente e são veiculadas em jornais de alcance nacional, fortalecem as características de “território único”, pois não há, em nenhuma das TV's, uma preocupação constante em desmistificar a problemática da seca. Preferem o comodismo da visão única, do que promover discussões que levam a um Semiárido contemporâneo, com problemáticas geradas não pela falta de chuvas, mas pela falta de políticas públicas que superem a indústria da seca. As potencialidades não são mostradas. A desertificação e a extinção de plantas e animais da região são problemas silenciados e, quando pautados, são associados ao clima quente e seco e a ausência de chuvas.

Nessa perspectiva, surgem as *WebTVs* Caatinga e UNEB Juazeiro, que inovam na forma de abordar o Semiárido, mostrando as potencialidades e a existência de territórios que não permitem um única visão de espaço e lugar. A flora, que é vista como bioma morto, surpreende com a diversidade e riqueza, e o espaço rural, atrasado, que é pautado nos meios comerciais nacionais, ganha uma nova perspectiva: a de um lugar rico, diverso e com muitas potencialidades.

Sendo assim, o presente trabalho objetiva mostrar como as redes têm sido acessadas para promover uma nova abordagem do Semiárido, pautada na informação precisa, na ética e na multiplicidade de vozes, na tentativa de mostrar um cenário situado na busca pela verdade e mais próximo da realidade.

### **Metodologia**

O referido estudo foi desenvolvido a partir da análise da programação das referidas plataformas educativas e das redes comunicacionais utilizadas. O levantamento foi realizado nos próprios sites das *webtvs*, assim nos outros ambientes digitais utilizados pelas mesmas.

### **O Semiárido e a pauta jornalística**

O Semiárido Brasileiro (SAB) sempre foi pautado pela mídia sob o ponto de vista do determinismo climático. A seca, o flagelo e a fome, são alguns dos “motes” que sempre

rondam a abordagem sobre esses territórios, como se os mesmos estivessem parados no tempo, como se a falta de chuva fosse a “culpada” por todos os problemas. Esse ponto de vista distorcido carrega a falta de informação que leva ao lugar comum/chavão/ mito, além de muitas vezes também estar impregnado pelos interesses políticos por trás das linhas editoriais das empresas de comunicação. O modelo da abordagem estereotipada, sempre muito criticado pela Academia e pelas entidades que trabalham para promover o SAB, começou a ser repensado através da proposição do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, uma categoria em construção, um novo senso comum que se edifica em um território em metamorfose, um novo lugar que se constrói. Boaventura de Souza Santos argumenta que a ciência moderna rejeita o senso comum conservador. Este, por sua vez, deve ser transformado para conhecimento-emancipação.

[...] o conhecimento-emancipação tem de romper com o senso comum conservador, mistificado e mistificador, não para criar uma forma autônoma e isolada de conhecimento superior, mas para se transformar a si mesmo num senso comum novo e emancipatório” (SANTOS, 2002, p.107).

O Jornalismo sustentando na lógica do combate a seca passa, assim, por um novo processo de significação a partir dessa outra proposta que revisita o conceito conservador, considerando que “só pode haver emancipação através de significações partilhadas, através da invenção convincente de novos tópicos emancipatórios” (SANTOS, 2002, p.111). Para o autor, o conhecimento emancipatório pós-moderno parte do princípio de que só haverá emancipação se os tópicos básicos, que exprimem as relações dominantes, forem substituídos por outros que expressem a aspiração das relações sociais emancipatórias, apoiados simultaneamente em políticas de reconhecimento (identidade) e em políticas de redistribuição (igualdade) (p.110). O que propomos aqui é que o Jornalismo evolua do tópico da abordagem distorcida para a contextualizada com o SAB.

A proposta já vem sendo experimentada desde 2007 por meio do trabalho com estudantes do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia em duas *webtvs* educativas. São eles que produzem os conteúdos, jornalísticos ou não, elaborados com o objetivo de promover as viabilidades do SAB. Essa proposição de um novo senso comum foi construída também a partir de discussões e formações que levam em conta o percurso dos pedagogos que trabalham com a Educação Contextualizada com o Semiárido, além das entidades governamentais e não-governamentais que se dedicam a promover esses territórios.

O resultado dessa experimentação está disponibilizado nas plataformas educativas *Webtv Uneb Juazeiro*<sup>1</sup>, produto do projeto de extensão “Programas Experimentais de Televisão” da universidade, e *TV Caatinga*<sup>2</sup>, *site* da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Por estarem disponibilizados na internet, os dois ambientes virtuais já possuem uma visibilidade considerável, de acordo com o número de acessos em cada vídeo, além de acabarem pautando outros veículos de comunicação localizados nas cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE.

Entretanto, para que a proposta de uma nova categoria, a “abordagem jornalística contextualizada com o SAB”, seja amplamente divulgada e chegue mais longe, em especial, até os profissionais de comunicação (que podem se tornar multiplicadores da nova proposta), estão sendo utilizadas redes sociais virtuais, informacionais e de TVs educativas. Essas redes são chamadas por Lèvy de redes comunicacionais, “pois conectadas às tecnologias da informação em escala global, tecem inúmeras possibilidades para gerar e gerenciar informações até as escalas da base comunitária/local, e essa conexão é mais densa quanto mais à organização está articulada com outras redes” (LÈVY, 1993 *apud* CARVALHO, 2010, p. 194).

De acordo com Castells, podemos entender redes sociais como “[...] redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais, as relações de poder e assim por diante” (2004, p.94). Para superar as barreiras geográficas e sociais, essas redes tem sido muito utilizadas por movimentos diversos para a divulgação de suas ideias. A proposta do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro também vem sendo publicizada em redes como o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Youtube*, *Google +*, *Blog* e *Flickr*. As duas *webtvs* educativas mencionadas nesse trabalho possuem contas em alguns desses ambientes, onde divulgam e promovem seus conteúdos, novas postagens, bastidores, lançamentos de programas, etc.

a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países e todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia (CASTELLS, 2006, p. 17).

É através dessas redes que há uma interatividade com o público, chamado nesses espaços de “seguidores”, proporcionando um retorno mais rápido e dinâmico de como a proposta de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro está sendo recebida pela audiência dessas *webtvs*.

---

<sup>1</sup>webtvjuazeiro.uneb.br

<sup>2</sup>rtvcaatinga.univasf.edu.br

Outra rede também acessada para a divulgação de conteúdos que promovam as viabilidades do SAB é a de TVs educativas. Nesse caso em particular, a TV Caatinga realizou parcerias com emissoras educativas ligadas ou não à instituições de ensino superior, por meio do Canal Futura, além da TV NBR, emissora estatal da Presidência da República, da TV Brasil, emissora pública, e da TV Cultura.

Essas TVs divulgam programas e reportagens da TV Caatinga, ampliando a visibilidade de uma representação sem distorções e/ou estereótipos dos territórios Semiáridos. Se “as redes de comunicação digital são a coluna vertebral da sociedade em rede” (CASTELLS, 2006, p. 17), podemos considerar que a sua utilização pode potencializar a discussão de uma abordagem contemporânea do SAB. Como afirma Haesbaert, as redes são “o veículo por excelência da maior fluidez que atinge o espaço e, no nosso ponto de vista, o componente mais importante na territorialidade contemporânea” (2002, p.58). Embora a relação território-rede possa parecer uma dicotomia, como também cita Haesbaert, “ao mundo dos territórios, mais estável, enraizado, contrapor-se-ia um mundo das redes, muito mais instável e fluido” (p.57), na divulgação da proposição de Jornalismo contextualizado, elas são utilizadas tanto como um elemento fortalecedor, interno aos territórios Semiáridos, “quanto um elemento que se projeta para fora do território, promovendo a sua desestruturação, ou seja, um processo de desterritorialização”(HAESBAERT, 2002, p.57-58), no sentido em que leva esse novo senso comum para além das fronteiras espaciais.

Por sua abrangência e capacidade de alcance, as redes são, portanto, ferramentas que auxiliam na proposta de uma representação sem distorções do SAB, como descrito na experiência com o Jornalismo Contextualizado. Através delas, os atores sociais, como esclarece Carvalho (2010), estão em permanente articulação e mobilização “evidenciando novas falas, novas manifestações associadas à natureza semiárida”, além de contribuírem para a construção de uma abordagem sem estereótipos sobre esses territórios.

As redes atuam na desconstrução dos significados de estereotipia e negatividade, solidificados sobre natureza, território, sociedade, cultura, etc., das “gentes” do Semiárido. Elas atuam, também, na construção de outras/novas relações sociais e nos padrões de sociabilidade que se baseiam em valores universais e estabelecem parâmetros inovadores para o conjunto da sociedade. Desse modo, quando as redes apontam a questão de “projetos contextualizados”, desejam que seja projetos a partir do Semiárido a tomada de consciência intencional, individual e coletiva, sobre o mundo, mesmo porque a categoria convivência é um sentido universal (CARVALHO, 2010, p.154).

A partir da propagação do conteúdo produzido por essas *webtvs* pelas redes comunicacionais, está se criando uma nova rede institucional que ao mesmo tempo atua de forma territorial, contribuindo para o que Carvalho (2010) chamou de “redes da convivência”, ambientes virtuais criados pelas entidades que atuam no SAB para promover a reapropriação social desses territórios em equilíbrio com a natureza, sua cultura e identidades.

### **O que deu nas redes**

As *webtvs* citadas nesse trabalho produzem conteúdos através de narrativas que realmente contemplam a atual situação do Semiárido Brasileiro e suas potencialidades. Elas se caracterizam pelo rompimento de paradigmas que rotulam o SAB apenas a um vaqueiro, a um chão rachado, a uma casa de taipa e a falta de água. Tanto a TV Caatinga como a *WebTV* Uneb Juazeiro valorizam o Semiárido mostrando que esse território é mais contemporâneo que as outras regiões podem imaginar.

A moda, as tecnologias, a informação, a fluidez, as dinâmicas das redes, as novas relações sociais, a cibercultura, os problemas sociais contemporâneos presentes nas regiões como Sul e Sudeste, também estão dentro do contexto do Semiárido brasileiro. O tradicional e o contemporâneo aqui também se encontram e são abordados por essas *webtvs* que pluralizam seu conteúdo e colaboram com uma nova representação do que é viver e ser no Semiárido.

E para promover uma nova abordagem é preciso sair do lugar comum e veicular matérias jornalísticas sobre assuntos pouco tratados pelos meios comerciais. E já que contrapor um território local do nacional é difícil (SANTOS, 1997), justamente devido a outras redes, é preciso buscar mecanismos para que a voz até então silenciada, seja ouvida e compartilhada.

Nessa perspectiva, as *webtvs* utilizam redes informacionais, sociais e educativas, como alternativa para driblar a falta de concessão e a imposição de outras redes que se configuram localmente, mas são submetidas ao poder de organizações nacionais. “A palavra poder deve ser aqui reconhecida no sentido que lhe dão Taylor e Thriff, isto é, a capacidade de uma organização para controlar os recursos necessários ao funcionamento de outra organização”(SANTOS, 1997, p. 216).

É o caso das TV’s locais, TV Grande Rio e TV São Francisco. As emissoras são vinculadas a

Rede Globo de Televisão e tem sua programação subordinada ao espaço/tempo que lhes são disponibilizados. Dessa forma, a carência de espaço, torna-se também carência de conteúdo e discursos que representem os territórios Semiáridos.

E para suprir essa carência, a *Webtv Uneb Juazeiro* e a *TV Caatinga* utilizam ambientes como o *Facebook*, *Youtube*, *Twitter* e *Google+* para compartilhar e divulgar matérias jornalísticas em áreas que vão da cultura à educação, com qualidade, seriedade e ética. Para Lèvy (1993), “devemos pensar na imbricação, na coexistência e interpretação recíproca dos diversos circuitos de produção e de difusão do saber, e não em amplificar e extrapolar certas tendências, sem dúvidas reais, mas apenas parciais, ligadas apenas à rede informático-mediática”. Dessa forma, o diferencial não é apenas o suporte de veiculação, a internet, que amplifica os novos discursos sobre esses territórios, mas também a abordagem utilizada, que desmistifica estereótipos e valoriza os aspectos tanto tradicionais como contemporâneos e que fazem do Semiárido fluido e dinâmico.

A **WebTV Uneb Juazeiro** produz matérias que são distribuídas em programas hospedados na homepage [webtvjuazeiro.uneb.br](http://webtvjuazeiro.uneb.br) e compartilhados em redes como o *Facebook*, *Twitter*, *Blog* e *Youtube*. Atualmente as produções são divididas da seguinte forma:

**Coberturas** – matérias de eventos pouco divulgados pela mídia como: palestras, debates, projetos de importância social; **Coisas do Sertão** – é o programa mais engajado com o Jornalismo Contextualizado com o SAB, pois produz conteúdo jornalístico com o novo olhar sobre o Semiárido, retratando o que é ser e viver na região; **Docs e curtas** – conteúdo regional em forma de documentários e curtas-metragens; **Entrevistas** – voltadas para discussão de temas variados a partir da visão de especialistas nos assuntos abordados; **Fome de quê?** – entrevistas com artistas da região sobre a arte/literatura no Semiárido, a partir dos trabalhos desenvolvidos por eles. Uma reflexão sobre as políticas culturais locais; **Infocampus** – utilizado para informar à sociedade os projetos e atividades sociais desenvolvidos pela Universidade do Estado da Bahia, Campus III; **Institucional** – voltado para a promoção da *WebTV Juazeiro* ou da *Uneb*; **O que é que tá rolando?** – entrevistas com personalidades de renome nacional ou autoridades políticas e civis; **Reportagens** – são matérias especiais sobre a região que tratam de assuntos que geralmente não têm a atenção da mídia comercial, mas

que despertam o interesse do público; **Stand-ups** – assim como nos telejornais, tem a função de informar, sem grandes desdobramentos, determinado fato e **Vale Praticar** – apresenta atividades esportivas que são e podem ser praticadas no Semiárido, de forma profissional ou amadora.

Todos esses links e programas têm um ponto em comum: a representação de um Semiárido sem estereótipos. No “Coisas do Sertão”, por exemplo, foram veiculadas nas redes sociais a matérias como sobre o Recaatingamento – a reportagem explora o processo de desertificação da caatinga, devido às queimadas, o manejo incorreto de animais e a caça predatória. As 1.624 pessoas que visualizaram a matéria conheceram, além da situação do bioma, o projeto que promove o “plantio de mudas nativas”, como alternativa utilizada por instituições da região para amenizar a desertificação da caatinga (acesso em 02/08/17).

A **TV Caatinga** é uma *webtv* educativa vinculada à Universidade Federal do Vale do São Francisco. O principal objetivo da TV Caatinga é representar o Semiárido através de programas educativos e culturais. Assim como a *WebTV Juazeiro*, busca quebrar estereótipos e produzir conteúdos jornalísticos e culturais, dando tratamento diferenciado ao retratar o sertão e o sertanejo.

A TV Caatinga utiliza as redes sociais, como o *Facebook*, para compartilhar seus produtos que são hospedados no *Youtube*. A produção da plataforma é dividida em dez programas e serviços, todos voltados para conteúdos que identificam as identidades e os territórios Semiáridos. Os produtos são:

**Sertão Saudável** – aborda técnicas de saúde desenvolvidas no sertão, desde a medicina tradicional à medicina popular; **Viva Caatinga!** – interprograma<sup>3</sup> sobre a fauna, flora, o homem e a mulher que vivem no Semiárido; **Reportagens e coberturas jornalísticas** – cobre eventos factuais, com viés jornalístico, cultural e social; **Memória Sertão** – interprograma que valoriza o acervo de museus, lugares, espaços que guardam as memórias dos territórios Semiáridos; **Sou Sertão** – entrevista artistas conhecidos e populares, nascidos no Semiárido, que através da sua arte representam o sertão em outras regiões; **Meu Ambiente** – programa de educação ambiental contextualizado com as questões relacionadas aos territórios Semiáridos; **Sabores da Caatinga** – receitas tradicionais ou mais contemporâneas encontradas no Semiárido, com

---

<sup>3</sup> Interprogramas são programas de curta duração produzidos para serem veiculados durante o intervalo comercial da programação. No caso da TV Caatinga, esses interprogramas são exibidos nos intervalos comerciais das emissoras parceiras.



uma leitura histórica de suas origens ou informações de seus principais ingredientes; **Entre um Café, uma Prosa** – entrevistas com personalidades de outras regiões do país; **Ciência no Semiárido** – os estudos produzidos por pesquisadores que atuam nesses territórios. O programa é todo traduzido em Libras; **Nossa Rua** – a história dos personagens que ajudaram a construir o sertão e que são homenageados com nomes de vias públicas; **Univasf Debate** – a discussão de temas da atualidade com convidados da comunidade acadêmica e/ou da sociedade civil; **Quero ser** – um programa que mostra os cursos oferecidos pela Univasf do ponto de vista de professores e alunos, além de profissionais já inseridos no mercado de trabalho; **O caso é sério** – um poeta e contador de “causos” mostra, com bom humor, que com cuidado e educação, podemos viver numa sociedade melhor; **É assim que eu falo** – a lexicografia do Semiárido divulgada de forma lúdica e educativa; **Documentários**– documentários e curtas-metragens produzidos pela TV Caatinga; **Transmissões ao vivo** – transmite eventos ao vivo via internet que acontecem dentro e fora da Universidade Federal do Vale do São Francisco; **Clipes** - vídeos apresentando composições de artistas e manifestações culturais do Semiárido e *Institucional* - documentários e vídeos institucionais produzidos na região.

Entre os programas compartilhados nas redes sociais está o Sertão Saudável Fitoterapia – nessa edição, o farmacêutico Jackson Guedes explicou o conceito e características da fitoterapia. A população também perguntou sobre a eficácia de alguns remédios e plantas vendidas nas feiras. O programa é importante porque esclarece e evita o uso indiscriminado de medicamentos a população de um território rico em plantas medicinais e onde é comum o uso da fitoterapia. Foram 571 visualizações até 02.08.2017.

## **Parcerias**

Além do *Youtube* e das redes sociais, os programas da TV Caatinga são exibidos no Canal Futura, TV NBR, TV Brasil e TV Cultura. Quatro TVs educativas, duas públicas, mas todas de alcance nacional e com objetivos em comum: produzir em rede. A inserção da TV Caatinga nessas duas redes de televisão permite que a audiência de outras regiões do país tenha acesso a uma nova abordagem do sertão, que não reduz o Semiárido à seca, à fome e à morte.

O processo de unificação do campo da “comunicação” já é bem antigo, na ordem econômica e financeira. Começou recentemente no plano das habilidades e das profissões durante o desenvolvimento da telemática. Com a constituição da rede digital e o desdobramento de seus usos tal como imaginamos aqui, televisão, cinema, imprensa escrita, informática e telecomunicações veriam suas fronteiras se dissolverem quase que

totalmente, em proveito da circulação, da mestiçagem e da metamorfose das interfaces em um mesmo território (LÉVY, 1993, p.114).

A parceria com as TVs NBR, Brasil e Cultura é recente. A NBR tem na sua grade de programação os programas “Meu Ambiente”, “Viva Caatinga”, “Sou Sertão”, “Memória Sertão” e “Sertão Saudável”. Nas TVs Brasil e Cultura, as matérias jornalísticas da *webtv* educativa são veiculadas nos telejornais. Já o Canal Futura exibe o programa Viva Caatinga! Em sua programação e já veiculou mais de 10 matérias da *webtv* em rede nacional, no seu telejornal. Entre elas: Agroecologia no Semiárido – mostrou, através da agricultura desenvolvida por uma família pernambucana e pelas pesquisas da Embrapa Semiárido, iniciativas e técnicas que colaboram com a sustentabilidade de propriedades agrícolas e consequentemente da caatinga. A matéria colaborou apresentando possibilidades de convivência com o Semiárido.

Meu Ambiente (Mata Ciliar)- a matéria apresentou trechos do Rio São Francisco prejudicados pelo assoreamento, sobretudo pelo desmatamento da mata ciliar, e as pesquisas realizadas pelos biólogos que recorrem ao conhecimento científico para amenizar os impactos causados ao São Francisco. O programa desperta para as necessidades de preservação e sustentabilidade, apresentando inclusive, em rede nacional, um Semiárido banhado por um rio, que sofre com os mesmos problemas enfrentados pelos rios das demais regiões.

## **Resultados**

Os programas dessas duas plataformas compartilham uma nova experiência do que é viver no sertão. E assim como a *WebTV* Uneb, a TV Caatinga utiliza as redes não só para veiculação, também utiliza redes institucionais com outras ideologias que se configuram no Semiárido por meio de entidades que se dedicam a promover esses territórios. O discurso adotado por essas redes, como a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB) e o Instituto Regional da Agropecuária Apropriada (IRPAA), de convivência com o Semiárido e Educação Contextualizada, além de pesquisas e ações da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária no Semiárido (Embrapa Semiárido) e da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), são pilares que conduzem a um novo olhar e consequentemente, o reconhecimento dos múltiplos territórios, pois “[...] determinadas

paisagens são configuradas como símbolos da identidade regional” (ARAÚJO E HAESBAETT, 2007, p.45). É o caso do Semiárido representado pela grande mídia. A seca e as suas consequências são o principal e recorrente recorte da identidade nordestina pelos veículos comerciais de comunicação.

Há ainda um apego das grandes redes de televisão aos discursos propagados na literatura de décadas passadas. Dessa forma, as *webtvs* educativas citadas nesse estudo vem desenvolvendo um papel de promover novas significações do Semiárido diante de audiências nacionais, apresentando territorialidades com riqueza e potencialidades da cultura e da sociedade sertaneja.

### **Conclusões**

As redes, ao mesmo tempo em que detêm o poder, limitando os pontos de vista, como é o caso das redes comerciais de televisão brasileira, também se tornam alternativas para inovar os conteúdos, os discursos e as formas de direcionamento da produção jornalística. No caso das *WebTVs* educativas Caatinga e Uneb Juazeiro, colaboram com a quebra de paradigmas e principalmente estereótipos sobre o SAB que transformam, na visão geral, um único território, marcado pelas consequências advindas da seca, em vários territórios, marcados por identidades diversas.

Enquanto as grandes redes de televisão continuam apresentando um Semiárido atrasado, rural, sem água, as *webtvs* estudadas aqui disseminam outros olhares de um SAB marcado também pelo urbano, pela biodiversidade, por eventos multiculturais e por uma sociedade que também sofre e usufrui das inovações contemporâneas.

Assim, A TV Caatinga e *WebTV* Uneb Juazeiro apresentam novas identidades do Semiárido, novas no sentido de conhecê-lo em sua diversidade, onde há nele territórios que se movimentam entre o material e o simbólico. A identidade, que muitas vezes está sujeita às relações de poder, que por sua vez tentam traçar um perfil único de cada região, se desfaz e vira “identidades”: dinâmicas e sempre em movimento.

### **Referências**

CARDOSO, Gustavo; CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede—Do Conhecimento à Acção Política. In: **Conferência promovida pelo Presidente da República**, 2006.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Ressignificação e Reapropriação Social da Natureza**: Práticas e

Programas de ‘Convivência com o Semiárido’ no Território de Juazeiro (Bahia). 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. Núcleo de Pós-Graduação em Geografia/NPGeo. São Cristóvão, Sergipe.

CASTELLS, M. “A Internet e Sociedade em Rede”. In: Moraes, D. de (Org). **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HAESBAERT, Rogério et al. Concepções de território para entender a desterritorialização. SANTOS, M. et al. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial, v. 3, p. 43-71, 2002.

\_\_\_\_\_. Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos. BEZERRA, Amélia Cristina Alves. ET AL. **Identidades territoriais**: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial(ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). Rio de Janeiro: Access, 2007.

LÈVY, Levy. **As tecnologias da inteligência**: O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34,1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In: **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. Cortez, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. Ed.2. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.